



## Filosofia é Literatura? Literatura é Filosofia?

### *Is Philosophy Literature? Is Literature Philosophy?*

Evaldo Sampaio<sup>1</sup>

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal / Brasil  
sampaiovld@gmail.com

**Resumo:** Trata-se aqui de pensar a relação entre Filosofia e Literatura. A partir das aparentes semelhanças e divergências entre ambas, indaga-se se há ou não entre elas uma distinção essencial. Para tanto, retomam-se os argumentos apresentados por Antonio Cicero em *Poesia & Filosofia*. Assim como as ideias filosóficas, como defende Antonio Cicero, são secundárias para a composição literária, a qual adquire seu valor estético pela maneira como as enuncia, para a Filosofia a escrita não é mais que um instrumento para o pensamento filosófico. Dada tal concepção instrumental do discurso, retoma-se a proposta de Pierre Hadot segundo a qual a Filosofia é primordialmente uma maneira de viver, a qual permite mostrar que a distinção entre a Filosofia e a Literatura precisa ser repensada num nível mais fundamental do que o discursivo. Por esta representação primordial da Filosofia como uma maneira de viver obtém-se que a distinção entre Filosofia e Literatura não se dá pela forma peculiar como cada uma articula os planos de expressão e de conteúdo, mas pela função mesma que o discurso ocupa na constituição de ambas. Disso se seguem também algumas considerações extemporâneas sobre a própria natureza do filósofo e a do escritor ou poeta.

**Palavras-chave:** filosofia; literatura; modo de vida filosófico.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto IV da Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Metafísica. Uma primeira versão deste ensaio foi apresentada no II Seminário Nacional de Epistemologia do Romance, em outubro de 2018, no Programa de Pós-Graduação em Letras/UnB.

**Abstract:** This article aims to discuss the relation between Philosophy and Literature. Based on supposed similarities and discrepancies, it is investigated if there is an essential distinction concerning them. For such, some arguments elaborated by Antonio Cicero, on his essay *Poesia & Filosofia*, are analyzed. Antonio Cicero sustains that philosophical ideas are secondary to the literary composition, whose aesthetic value is acquired by the way those ideas are expressed and not by the ideas themselves. Moreover, in Philosophy, the act of writing is no more than an instrument to convey the philosophical thought. This instrumental role of discourse in philosophical works allows us to shed new light into Pierre Hadot's conception of Philosophy as essentially a way of life. Thus, it will be proposed that the distinction between Philosophy and Literature should be rethought at a level that is deeper than the discursive one, as suggested by Antonio Cicero. The representation of Philosophy as a way of life indicates that the distinction between Philosophy and Literature is not a case of how each one articulates their levels of content and expression. Actually, it concerns the peculiar role of discourse in both of them. Some ultimate considerations on the very nature of the philosopher and of the writer or poet as well follow that existential distinction.

**Keywords:** Philosophy; Literature; Philosophy as a way of life.

A Wilton Barroso Filho,  
*in memoriam*

A maior parte dos estudantes dos nossos cursos superiores de Filosofia podem ser identificados a um dos seguintes perfis: i) Aqueles que buscam uma instrução geral em Humanidades e veem na abrangência da formação filosófica uma maneira de obtê-la a contento; ii) Os que se interessam pelas descobertas científicas e procuram nas discussões epistemológicas um aporte especulativo para avaliar os avanços da pesquisa experimental; iii) Os adeptos da alguma crença religiosa que, dada a contiguidade histórica e institucional entre a Filosofia e a Teologia, julgam que aquela pode ser uma adequada introdução a esta ou mesmo sua contrapartida nos meios laicos; iv) E há também os que se interessam por artes e especialmente Literatura, que leem Filosofia como um gênero textual predileto. Não que os alunos estejam plenamente conscientes destas inclinações. Trata-se de um quadro que lhes é reforçado por vezes pelos professores, os quais provavelmente o aprenderam com seus próprios mestres. Numa conjuntura superior, estes grupos remetem a

tipificações da atividade filosófica que predominaram em algum período (o “filósofo enquanto humanista”; o “filósofo cientista”; o “filósofo e o sacerdote”; o “filósofo-escritor” etc.). Em países como a Inglaterra ou a França, com maior flexibilidade nos currículos e na legislação educacional do que no Brasil, estas tendências conduziram à formalização de cursos interdisciplinares de dupla habilitação, de modo que é possível se obter um *BA* em “Philosophy and Modern Languages”<sup>2</sup> ou “Physics and Philosophy”,<sup>3</sup> ou uma *licence* em “Philosophie et Sciences des Religions”<sup>4</sup> ou “Philosophie et Lettres”.<sup>5</sup>

O que pretendo tratar aqui é justamente os pressupostos de uma destas orientações: a relação entre Filosofia e Literatura. Há nesta escolha um lastro existencial, como não pode deixar de ser em toda investigação filosófica que se queira mais do que um discurso desencarnado: eu mesmo fui graduando em Letras antes de seguir meus estudos de pós-graduação em Filosofia. Entretanto, jamais me identifiquei com o grupo dos filósofos-literatos. Ao pensar o porquê desta proximidade e deste distanciamento, o qual remete à própria noção do que seja a Filosofia, deparei-me enfim com questões como: “A Filosofia é Literatura? E a Literatura, é Filosofia?”; “Quais são as suas semelhanças? E quais são as suas diferenças?”.

Há quem prefira não estabelecer quaisquer limites, mesmo que imprecisos, entre a Filosofia e a Literatura, pois fazê-lo parece restringir as possibilidades reflexivas e criativas destas. Contudo, de que tal tarefa seja difícil e até ingrata não se segue que devamos evitá-la. No caso do filósofo, cuja máxima “conhece-te a ti mesmo” é indispensável, deixar de pensar sobre o que é isto, a Filosofia, equivale a abandonar o próprio filosofar. Igualmente, caso se obtenham concepções de Filosofia e de Literatura que nos permitam distingui-las uma da outra, não se segue disso um rebaixamento do fazer literário ou uma deficiência da Filosofia. Além disso, perguntar sobre a relação entre a Filosofia e a Literatura não

---

<sup>2</sup> Curso oferecido pela Universidade de Oxford, no Reino Unido. Clique no nome do curso no corpo do texto para ser redirecionado para a página do curso no site da universidade. O mesmo vale para os cursos mencionados nas próximas três notas de rodapé.

<sup>3</sup> Curso oferecido pela King’s College de Londres, no Reino Unido.

<sup>4</sup> Curso oferecido pela Faculté de Théologie da Federação Universitária e Politécnica de Lille, na França.

<sup>5</sup> Curso oferecido pela Universidade Pantheon-Sorbonne (Universidade Paris I), na França.

pressupõe que se saiba de antemão o que é uma ou outra, pois se procura entender o que compete a cada uma nesta comparação. Nesse sentido, interrogar a relação entre ambas é antes um caminho para se compreender o que elas significam separada e essencialmente.

Alguns indícios sugerem que Filosofia e Literatura guardam inúmeras semelhanças de família e talvez sejam até aspectos duma mesma disposição existencial. Em primeiro lugar, não há dúvida de que alguns filósofos são também grandes escritores. O exemplo clássico é a reconhecida beleza literária dos diálogos de Platão. Aristóteles, do qual nos restaram apenas um conjunto de escritos dos quais se acredita serem notas de aula sem um polimento editorial, igualmente redigiu diálogos (Cf. MESQUITA, 2005, p. 226-229) cujo cuidado estilístico serviu de modelo para o romano Marco Túlio Cícero, ele próprio um filósofo e mestre da palavra (MESQUITA, 2014, p. 43-47). Daí que tanto Platão quanto Aristóteles fossem apreciados pelos Antigos também como grandes escritores.

Há vários outros exemplos na História da Filosofia. Montaigne, criador do ensaio enquanto um modelo de escrita de si. David Hume, cujo virtuosismo no trato com a palavra fora invejado por Kant (2008, p. 20) no prefácio dos *Prolegômenos*. Até mesmo Descartes, reconhecido acima de tudo por seu “racionalismo”, era um escritor de rara competência e versatilidade, transitando por diversos gêneros, como o tratado, a epístola, as meditações, a fábula, o discurso autobiográfico, o manual escolar, dentre outros. E o que dizer de Schopenhauer, cujo virtuosismo literário para expressar o seu “pensamento único” encantou toda uma geração, inclusive Nietzsche, que para muitos é o “filósofo-poeta” por excelência da Modernidade? No Brasil, temos um Gonçalves de Magalhães, que foi tanto um dos introdutores do romantismo entre nós com o poema “A Confederação dos Tamoios” quanto autor dos *Fatos do Espírito Humano* (1858), livro que, na opinião de Tobias Barreto (1977, p. 90), outro de nossos eminentes literatos-filósofos, deu o verdadeiro início da filosofia brasileira.

Já no século XX, vários filósofos foram apreciados por seu talento literário. Veja-se o caso de Henri Bergson, Bertrand Russell, Rudolf Eucken e Jean-Paul Sartre, os quais foram laureados com o prêmio Nobel... de Literatura! Dentre os agraciados com o Nobel de literatura cuja obra é quase que exclusivamente literária, há quem possua formação acadêmica em Filosofia e até escreveu ensaios filosóficos,

como Albert Camus (2008; 2009). Além disso, inúmeros romancistas e poetas parecem expressar ideias filosóficas em seus escritos. Tenho em mente nomes como Dostoiévski, Proust, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lia Luft, dentre tantos outros. Por isso, Paulo Margutti, autor de uma *História da Filosofia do Brasil* (2013), pôde defender que a Filosofia brasileira, antes de sua institucionalização acadêmica, manifestou-se preponderantemente em nossa Literatura, e que, ainda hoje, continua a expressar-se também no âmbito literário (2013, p. 12).

Um olhar mais atento parece mostrar que vários dos mesmos exemplos acima podem de igual modo nos sugerir uma outra compreensão da relação entre Filosofia e Literatura. Embora Platão seja um grande estilista, sabe-se que, em sua principal obra, *A República* (2007), os “poetas” são expulsos da Cidade ideal lá entrevista (Cf. PLATÃO, 607b). Noutros termos, Platão entendia haver uma diferença e mesmo uma oposição fundamental entre a Filosofia e a Poesia. Henri Bergson e Bertrand Russell, para retomar alguns dos laureados com o prêmio Nobel de Literatura, consideravam que suas obras respondiam a problemas contíguos antes às ciências do que às letras. Jean-Paul Sartre, que escreveu além de livros de Filosofia, romances e peças de teatro, afirmava indubitavelmente que a escrita filosófica era bastante diferente da escrita literária (Cf. SCHULLP, 1981, p. 11). Portanto, muitos dos mesmos casos que corroboram a hipótese de uma consanguinidade entre a Filosofia e a Literatura também permitem contestar-lhes uma proveniência comum.

Um oportuno ponto de partida para tentar superar o mero jogo de opiniões e examinar mais detidamente a relação entre Filosofia e Literatura é justamente indagar autores que trataram da questão e que pertencem a ambas as áreas. Proponho assim a retomada de um poeta e também filósofo brasileiro contemporâneo, o qual defendeu uma distinção essencial entre Filosofia e Literatura. Refiro-me a Antonio Cicero, membro da Academia Brasileira de Letras e autor de um provocativo ensaio intitulado *Poesia & Filosofia*.

Não obstante reconhecido sobretudo por sua produção como poeta e letrista, Antonio Cicero realizou seus estudos inicialmente em Filosofia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e depois no Departamento de Filosofia e Lógica da Universidade de Londres (CICERO, 2017, cap. 1). Publicou, em 1995, *O Mundo desde o Fim*, um ensaio filosófico no qual defende com esmero e rigor um “cogito ultracartesiano” (CICERO,

1995, p. 40). Pouco antes já organizara, juntamente com Waly Salomão, uma série de palestras a partir das quais resultou *O Relativismo como Visão de Mundo* (CICERO; SALOMÃO, 1994), coletânea que contou com nomes como Haroldo de Campos, Richard Rorty, Tzvetan Todorov, Bento Prado Jr., Peter Sloterdijk, dentre outros. Em 2012, aparece o mencionado estudo *Poesia & Filosofia*, no qual defende que “a poesia e a filosofia são atividades humanas inteiramente diferentes uma da outra” (CICERO, 1995, p. 7). Aliás, este livro não encontrou eco entre meus colegas filósofos, o que justifica ainda mais dar-lhe a atenção que merece.

No que se segue, retomo e endosso livremente a tese de Antonio Cicero de que Filosofia e Literatura, ou, mais precisamente, Filosofia e Poesia (esta para mim em sentido amplo), são atividades distintas do espírito. Depois, radicalizo a posição de Antonio Cicero a partir de um âmbito fundamental que ele não entreviu, o qual me permite complementar criticamente a tese que ele propôs.

Para além das impressões vagas, há uma contiguidade entre Poesia e Filosofia: a “inutilidade” de ambas (CICERO, 2012, p. 9). Diferente doutras áreas, como a Medicina ou a Carpintaria, nada de prático se obtém diretamente por poemas ou doutrinas filosóficas. Um professor pode ganhar dinheiro para lecionar Literatura ou Filosofia. Entretanto, tais proventos advêm da atividade docente em si e apenas secundariamente das matérias que leciona. Após publicar um livro, o poeta ou o filósofo recebe uma porcentagem das vendas, eventualmente ganha um prêmio e, no caso dos acadêmicos, conta alguns pontos para a sua progressão funcional. No entanto, estas são consequências contingentes e não o fim mesmo das obras enquanto Literatura ou Filosofia. Para muitos, isso justifica a impressão de que o filósofo e o poeta “vivem nas nuvens”, que dedicar-se à Literatura ou à Filosofia é um luxo que não podemos ter em meio às inúmeras demandas práticas do dia a dia (CICERO, 2012, p. 10). A sua inutilidade faria da Filosofia e da Literatura domínios congêneres em contraste com outros saberes dos quais se extraem produtos e patentes.

Entretanto, revida Antonio Cicero, justamente por sua irreduzibilidade a uma disposição pragmática, Filosofia e Literatura são atividades existenciais imprescindíveis para se contestar uma época em que o valor se mede pela utilidade e a qualidade de algo se refere sobretudo a noções como “desempenho” (CICERO, 2012, p. 13). Isso porque o tempo requerido pela especulação filosófica e o fazer poético é distinto daquele das redes sociais e da produção em escala industrial. A

dedicação a estes saberes requer dos sujeitos uma disposição espiritual que os reorienta para um verdadeiro espaço de liberdade em meio aos afazeres mais ou menos automáticos da vida cotidiana. Isso não significa um afastamento do mundo em si mesmo e sim do mundo utilitário. Daí a reprovação que ambas compartilham aos olhos daqueles que não conseguem reduzi-las a meros instrumentos. Porém, de que tanto a Poesia quanto a Filosofia nos coloquem “em busca do tempo perdido” não se segue que o façam pelas mesmas vias.

Em primeiro lugar, pode-se ser filósofo sem que se tenha escrito uma única linha de Filosofia. Por outro lado, não se pode ser poeta sem ao menos uma obra literária (CICERO, 2012, p. 8). Daí que Platão, no *Fedro*, tenha afirmado pela personagem Sócrates (a qual, sabidamente, nada escreveu) que a verdadeira filosofia está inscrita na alma do filósofo e não nos seus escritos, os quais, segundo ele, não merecem lá muita consideração, pois são simplesmente um meio de recordar aquilo que de algum modo já se sabe. Assim, diz o Sócrates platônico, a Filosofia se manifesta não no que o filósofo eventualmente escreve, mas na sua maneira de pensar e viver (Cf. CICERO, 2012, p. 47).

É verdade que se pode até considerar que há poetas cuja criação é sobretudo oral, e assim eles são próximos desses filósofos sem “obra escrita”. Todavia, ter uma obra oral ainda é ter um discurso estruturado; e há, já na Antiguidade, muitos que foram considerados filósofos mesmo sem proferirem nenhum discurso filosófico, seja ele escrito ou oral. Um exemplo é Marco Aurélio, chamado de “imperador filósofo”, conquanto à época não se soubesse que ele escrevera as *Meditações* (HADOT, 2014, p. 250). E há inclusive toda uma escola filosófica, como as dos cínicos, em que a maioria de seus integrantes eram ditos filósofos pela maneira como viviam, pois reduziam o discurso teórico ao mínimo, “quase que a alguns gestos” (HADOT, 2014, p. 162-163; 250). Por isso, concordo com a hipótese de Antonio Cicero de que os discursos filosóficos, mesmo que por vezes instrumentos indispensáveis para uma Filosofia, não deixam de ser apenas instrumentos ou caminhos para o filosofar. Já a poesia se realiza apenas e plenamente nos discursos poéticos.

Para melhor explicar esta assimetria, vejamos algumas diferenças essenciais entre o discurso filosófico e o discurso poético. O discurso filosófico é predominantemente proposicional, isto é, consiste em enunciados declarativos que assumem algum tipo de valor-verdade. Nesse sentido, as obras filosóficas podem ser, com maior ou menor

dificuldade, resumidas a uma série de proposições que visam atestar a verdade ou falsidade de algo (CICERO, 2012, p. 51-53). Tais proposições podem até se voltar contra a própria noção de valor-verdade, situando-se numa perspectiva veritativa de segunda ordem ou numa suspensão de juízo que pressupõe uma noção de verdade. Contudo, algum valor-verdade sempre está em questão. Quando estudamos filosoficamente os versos pelos quais um Anaximandro ou um Heráclito expressaram seus pensamentos, nós os enunciamos como um conjunto de proposições. Tratar os fragmentos destes pensadores como proposicionais é decisivo para que lhes concedamos um estatuto filosófico (CICERO, 2012, p. 51-53).

Quanto a este ponto, convém destacar que poesia não é sinônimo de verso, e que, assim como um poema pode dispensar-se de versos (veja-se o caso da poesia concretista), também um discurso filosófico pode ser em versos sem por isso se tornar um poema (CICERO, 2012, p. 37). Aristóteles já nos advertia sobre a confusão entre poesia e verso, queixando-se, n' *A Poética*, que

também os que expõem algo de medicina ou física em verso são chamados por alguns de poetas. Porém, isto é um erro, pois nada há de comum entre Homero e Empédocles, além do verso, de modo que é justo chamar ao primeiro de poeta e ao segundo de *filósofo da natureza*. (ARISTÓTELES, 1447B17 *apud* CICERO, 2012, p. 38, grifos do autor).

Antonio Cicero comenta esta advertência de Aristóteles pelo fato de que a prosa, como gênero literário, surgiu na Grécia bem depois das obras em verso. E isto se deveu sobretudo a certas condições de letramento e de transmissão cultural, pois a prosa é relativamente tardia em relação à consolidação da escrita. Desse modo, não surpreende que os primeiros filósofos da natureza, como os citados Anaximandro e Heráclito, que viveram num período no qual a prosa não estava consolidada, teceram os seus pensamentos em versos (CICERO, 2012, p. 41-42). Todavia, já os antigos, ao discutirem as ideias desses filósofos, consideravam o valor filosófico do que diziam pelas proposições que deles se podiam extrair (veja-se, por exemplo, o livro βετα da *Metafísica* (2002) de Aristóteles, uma das principais fontes disponíveis sobre a filosofia natural pre-platônica).



Por sua vez, os enunciados poéticos não são proposicionais. Quando Drummond escreve “no meio do caminho tinha uma pedra”, temos aqui uma pseudoproposição, pois não se trata de um enunciado cujo valor reside em ser verdadeiro ou falso sobre um certo estado de coisas. Dificilmente concordaríamos com alguém, lembra-nos Antonio Cicero, que dissesse que esse poema de Drummond é ruim porque não havia nenhuma pedra no meio do caminho. Se um discurso filosófico pode ser refutado por outro discurso filosófico, um discurso literário não pode ser refutado por outro discurso literário que lhe diga o contrário. Se alguém escrever um poema dizendo que “não havia uma pedra no caminho”, pode até ser um bom poema, mas não diminui o valor literário do poema de Drummond (CICERO, 2012, p. 61).

É verdade que podemos encontrar poemas que remetem a estados de coisas, como no caso do “Confidência do Itabirano”, também de Drummond, do qual sabemos que vários dos versos lá presentes são autobiográficos e assim se referem ao que o poeta efetivamente viveu. No entanto, mesmo que descobríssemos que os fatos descritos no poema são falsos, este não perderia a sua força poética por causa disso (CICERO, 2012, p. 57). Logo, não é na verdade ou falsidade de suas (pseudo) proposições que reside o valor literário do poema e sim na maneira como seu plano de expressão articula o seu plano de conteúdo. As proposições não são fins, porém meios para uma obra literária (CICERO, 2012, p. 58).

Para Antonio Cicero, podemos fruir “esteticamente” poemas que contenham proposições contraditórias. No entanto, não podemos apreciar “filosoficamente” doutrinas cujos discursos sejam contraditórios. Daí que Sexto Empírico tenha reprovado aqueles que usavam imagens poéticas em vez de argumentos para convencer, considerando-os filósofos inautênticos (CICERO, 2012, p. 66). A poesia do poema não reside naquilo que ele diz e sim em como diz o que diz (CICERO, 2012, p. 64). E, eu acrescentaria, a Filosofia no discurso filosófico não se identifica com o modo como ele diz o que diz e sim no que ele diz. Por isso, se uma paráfrase ou explicação dum discurso filosófico pode reconstituir o conteúdo do texto original e até apresentá-lo de modo mais claro do que seu autor, o mesmo não pode ser o caso quanto a um discurso literário. Não há dúvida de que ler Filosofia escrita num estilo refinado é bem mais agradável do que ler uma obra semelhante a um relatório de repartição. Porém, disto apenas se pode avaliar a qualidade da escrita dos pensadores e não o valor filosófico do que escreveram.

Nesse sentido, enquanto uma obra literária é em si mesma um *monumento*, isto é, algo a ser contemplado por si próprio, o discurso filosófico é um *documento*, a transmissão de um pensamento (CICERO, 2012, p. 35) ou conteúdo. Conquanto não faça sentido que um poeta “corrija” os seus versos quando da nova edição de um livro, Kant não tem qualquer reserva em rever detalhadamente a exposição de suas ideias quando da segunda edição da sua *Crítica da Razão Pura* (2010) de modo a minimizar os mal-entendidos (KANT, CrP B, xxxvii). Além disso, o mesmo Kant reconhece que, por vezes, é preciso ler além das palavras dos filósofos para se compreender aquilo que eles quiseram dizer, de modo que o discurso do intérprete pode ser filosoficamente superior ao texto original (Cf. SUZUKI, 1998, p. 21). É possível que, pela sua beleza literária e relevância cultural, tome-se também um texto filosófico como um monumento na acepção acima. Mas, nestes casos, não se o aprecia primordialmente como uma doutrina ou discurso filosófico – e eis o cerne da questão.

Isto não quer dizer que a maneira como o texto foi escrito é irrelevante para o filósofo. Apenas que a relevância não se deve a motivos estéticos em primeiro lugar como é o caso para o literato. Wittgenstein (1977, prefácio), nas suas *Investigações Filosóficas*, confessa que o estilo assistemático que adotou, “um conjunto de esboços de paisagem”, um “álbum”, ordena-se segundo o conteúdo dos pensamentos ali elaborados. Não obstante, nestes casos e noutros similares, o estilo empregado é parte da argumentação desenvolvida – em Wittgenstein, redigir um conjunto de teses para quem propõe que não há teses em Filosofia seria contradizer, no plano de expressão, o método de investigação e o plano de conteúdo da obra. Já o poeta não busca simplesmente evitar que o plano de expressão contradiga o seu plano de conteúdo, mas que aquele seja a expressão literária deste. Ademais, mesmo que aquilo que um poeta diz lhe seja tão importante quanto a maneira como o diz, é a forma de expressão do poema que será decisiva para o seu valor literário.

E se um poema apresenta uma ideia reconhecidamente filosófica? Não estaríamos diante de uma homologia entre Filosofia e Literatura? Para Antonio Cicero, é justamente quando uma obra literária incorpora uma ou mais ideias filosóficas que a distância entre ambas se mostra mais claramente. Seja o poema *Carpe diem*, de Horácio, o qual se tornou um motivo comum na Literatura desde a Antiguidade. Pode-se reescrever o poema a partir de algumas proposições, tais como “não é possível

prever o futuro”, “a nossa vida é curta”, ou “o melhor a fazer é aproveitar o presente” etc. Reconhecem-se nessas proposições várias ideias da filosofia epicurista, de modo que, no poema, Horácio indubitavelmente articula ideias filosóficas, mesmo que nada originais. Mas não é o que o poema contém de filosófico que o torna uma obra-prima e sim a maneira pela qual ele expressou tais ideias. Isto mostra suficientemente que não é a originalidade da ideia ou a presença de uma ideia filosófica que torna um poema valioso literariamente. O valor do poema, reitera-se, deve-se a como ele diz aquilo que diz e não ao que ele disse (CICERO, 2012, p. 26-28). Talvez por isso Mallarmé, quando o pintor Degas lhe confessou seu desejo de escrever poemas já que tinha muitas ideias, respondeu-lhe que um poema não se escreve com ideias e sim com palavras (CICERO, 2012, p. 48).

Assim, Margutti (2013), ao presumir que as obras literárias se tornam filosóficas por que nelas circulam ideias filosóficas, tanto desconsidera a função secundária destas para o valor literário da obra quanto confunde um discurso filosófico com uma ideia filosófica. Machado de Assis ou Clarice Lispector não escreveram romances e contos com a finalidade de articularem um discurso filosófico autônomo. E, mesmo que o tivessem feito, não seriam as ideias filosóficas utilizadas e sim a maneira como foram tecidas que confeririam a estes autores seu merecido reconhecimento literário. Ora, foi justamente o valor literário do que escreveram que suscitou o interesse por examinar as ideias filosóficas que utilizaram em suas composições, as quais são relevantes enquanto um dentre outros elementos presentes nestes escritos. Ler um Machado de Assis como um filósofo apenas o apequena diante da *Ética* (1677) de Spinoza, a qual consiste num ponto de inflexão para a História da Filosofia. Da mesma forma, Spinoza, apesar de seus eventuais dotes literários, torna-se um escritor insignificante se comparado com a maestria da prosa machadiana. Por isso, Antonio Cicero está correto ao defender que o discurso filosófico e o discurso literário, a despeito de ambos buscarem nos elevar do automatismo cotidiano, são essencialmente distintos. Filosofia não é Literatura. Literatura não é Filosofia.

Porém, a astuta argumentação de Antonio Cicero ainda parece cativa da mesma armadilha linguística que denuncia. O motivo é que, se, como dito, a Literatura se realiza no discurso enquanto a Filosofia apenas se comunica discursivamente, a distinção entre ambas não se dá, numa acepção mais fundamental, nas diferentes características do

discurso literário e do filosófico. Assumir o discurso como a linha de demarcação entre a Literatura e a Filosofia pode ser apropriado quando, como é o caso de *Poesia & Filosofia*, a ênfase é dada na compreensão do discurso poético. No entanto, tal estratégia dissimula o que é a Filosofia para além de um mero discurso teórico. Para esclarecer essa suspeita, vou me apoiar nos ombros do filósofo e historiador francês Pierre Hadot.

Especialista em Filosofia Antiga, Hadot buscou, por seus estudos das doutrinas clássicas, revitalizar a própria representação da atividade filosófica contemporânea. O seu livro mais importante se intitula *O Que é a Filosofia Antiga?*. Neste, Hadot defende a tese de que a Filosofia, ao contrário de seu ensino atual nas universidades, não se reduz ao discurso filosófico. Quando nos voltamos para o sentido original da Filosofia, aprendemos que, para os Antigos, a Filosofia era sobretudo uma forma de vida que decorria de uma escolha existencial que tinha, dentre as suas características, o recurso a um discurso teórico para justificar esta ou aquela maneira de viver (HADOT, 2014, p. 15-21). Assim, Hadot nos explica por que, na Antiguidade, muitos que não enunciaram publicamente nenhum discurso teórico eram chamados de filósofos pela sua maneira de viver em acordo com esta ou aquela escola filosófica – tais como os já mencionados Marco Aurélio e os cínicos. É nesta acepção que deve ser interpretada a crítica de Sócrates à escrita, acima indicada. Não é que a escrita não tenha valor em si, mas que, quanto à atividade filosófica, esta é somente um instrumento para a “verdadeira filosofia” que se manifesta prioritariamente na maneira como o filósofo pensa e vive.

Quem negligenciar tal representação clássica da Filosofia não dará o devido rigor às críticas do platônico Pôlemon àqueles que “procuram se fazer admirar por sua habilidade na argumentação silogística, mas se contradizem na conduta de sua vida”, ou os vitupérios de Epicteto contra os que “dissertam sobre a arte de viver como homens, em vez de viver eles mesmo como homens” e assim fazem, como dizia Sêneca, “do amor pela sabedoria (*philosophia*) um amor pela palavra (*philologia*)” (HADOT, 2014, p. 252). Por isso, um discurso não era considerado filosófico a despeito de quem o enunciara, pois seu autor, caso não pusesse “sua vida em relação com seu discurso e sem que seu discurso emane de sua experiência e de sua vida” (HADOT, 2014, p. 252), seria denominado antes um “sofista”.

O que Hadot mostra com sagacidade e farta documentação é que, com o surgimento do Cristianismo no Mundo Antigo e a consequente

institucionalização do ensino pelas congregações católicas, culminado com a criação das universidades ocidentais, verifica-se um processo pelo qual a Filosofia foi despojada de seu sentido existencial e reduzida a uma ferramenta conceptual para o esclarecimento da Teologia. A representação antiga da Filosofia tornou-se marginal, persistindo intermitentemente em algumas doutrinas (HADOT, 2014, p. 357-362). Tal descaracterização da atividade filosófica, não obstante consolidada pela subordinação desta à Teologia, tornou-se ainda mais aguda quando da progressiva separação da Filosofia e da Teologia a partir do século XVII. Isto porque os filósofos dos primórdios da Modernidade, eles mesmos educados nas instituições de ensino superior cristãs, mantiveram, sem o saber, a representação cristã da Filosofia como redutível a apenas um discurso teórico, restringindo-se a torná-lo autônomo quanto ao discurso teológico. Assim, a Filosofia moderna, mesmo desvencilhando-se progressivamente dos dogmas da fé, propagou inconscientemente uma figuração estritamente intelectual (e cristã) da Filosofia pela qual esta só secundariamente teria uma relação com a maneira como vivemos. Essa concepção estritamente intelectual da atividade filosófica faz inclusive com que tenhamos dificuldade em entender as obras da Antiguidade, dado que nos ensina a lê-las como grandes sistemas conceptuais abstratos destinados a um auditório universal quando, na verdade, a sua redação visava sobretudo um efeito formativo sobre uma audiência determinada (HADOT, 2014, p. 94).

Antonio Cicero, ao abordar a diferença entre Filosofia e Literatura sobretudo com base na distinção entre os discursos filosóficos e literários, parece reter essa caracterização moderna da Filosofia. Se a hipótese de Hadot sobre a representação primordial da Filosofia é correta, como julgo ser o caso, a diferença e as semelhanças entre Filosofia e Literatura precisam ser buscadas neste âmbito existencial mais do que em suas expressões discursivas. Logo, diferente do que pressupõe Antonio Cicero, um grande filósofo é menos aquele que propõe uma teoria original ou verdadeira do que aquele que consegue viver de acordo com o que pensa, independentemente de este pensamento ter sido formulado por outro. Por conseguinte, Antonio Cicero me parece apresentar argumentos suficientes para distinguir entre Filosofia e Literatura para aqueles que entendam aquela sobretudo como um discurso abstrato. E Pierre Hadot permite justificar que esta diferença é ainda mais essencial para aqueles que entendem a Filosofia em seu sentido clássico e primordial, como um modo de vida.

Há um livro de poemas de Drummond intitulado *A vida passada a limpo*. Antonio Cicero interpreta que, em tal título, Drummond está a sugerir que é a própria vida do poeta que se inscreve no poema, mesmo que depurada e revista. A vida é como que o rascunho que o poeta passa a limpo ao escrever seus poemas. Por isso, o fim da vida do poeta é virar poesia (CICERO, 2012, p. 15). Entretanto, seguindo-se a representação da Filosofia como maneira de viver proposta magistralmente por Hadot, o discurso filosófico não é a expressão mesma da vida filosófica, mas uma parte desta. Se para o poeta a vida é a matéria prima para se fazer poesia, para o filósofo o discurso teórico é um dos caminhos para fazê-lo viver filosoficamente. O objetivo da vida do poeta é se tornar poesia. A vida do autêntico filósofo já é em si Filosofia.

Portanto, a despeito das diferenças quanto ao discurso filosófico e o discurso poético, estas não constituem aquilo que distingue filósofos e poetas. O que diferencia essencialmente filósofos e poetas é a maneira de viver que ambos precisam adotar para se tornarem aquilo que são. A questão sobre a relação entre Filosofia e Literatura deixa de ser prioritariamente uma querela sobre as palavras, mas remete aos atos que as adornam e dão um sentido superior ao discurso filosófico ou literário. Alguns autores mostram claramente que é possível ser tanto um literato quanto um filósofo. No entanto, seria possível ser ambos simultaneamente? Seria a vida filosófica e a vida passada a limpo na Literatura atividades distintas ou complementares do espírito?

## Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002. v. II.
- BARRETO, T. *Estudos de Filosofia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Grijalbo, 1977.
- CAMUS, A. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CICERO, A. *O Mundo desde o Fim*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- CICERO, A. *Poesia & Filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CICERO, A. *A Poesia e a Crítica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CICERO, A.; SALOMÃO, W. *O Relativismo Enquanto Visão do Mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

HADOT, P. *O que é Filosofia Antiga?*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MESQUITA, A. *Aristóteles (Obras Completas)*: Introdução Geral. Lisboa: Imprensa, 2005.

MESQUITA, A. *Obras Completas de Aristóteles*: Fragmentos dos Diálogos e Obras Exortativas. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2014.

KANT, I. *Prolegómenos a toda Metafísica Futura*. Lisboa: Edições 70, 2008.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

MARGUTTI, P. *História da Filosofia do Brasil: O Período Colonial (1500-1822)*. São Paulo: Loyola, 2013.

PLATÃO. *República*. 10. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

SCHULPP, P. *The Philosophy of Sartre*. Illinois: Open Court, 1981.

SUZUKI, M. *O Gênio Romântico: Crítica & História da Filosofia em Friedrich Schelling*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Abril cultural, 1974. (Coleção “Os Pensadores”).

Recebido em: 10 de dezembro de 2018.

Aprovado em: 27 de maio de 2019.